Visto Daqui

HISTÓRIAS, CRÔNICAS, MEMÓRIAS

Romero Cláudio Barbosa Carneiro

2018

©(2018) Romero Claudio Barbosa Carneiro

Título: Visto Daqui: histórias, crônicas, memórias
Preparação e revisão do texto: Nadia Virginia B. Carneiro
Capa e editoração: Clara Ghimel
Foto de capa: Canva
Foto contracapa: Acervo do autor
Todos os direitos reservados à

Romero Cláudio Barbosa Carneiro

vistodaquicronicas@gmail.com

Carneiro, Romero Claudio Barbosa.

Visto Daqui: crônicas, histórias, memórias.

Salvador-Bahia, 2018. 70 p.

1.Crônicas brasileira I. Título

CDD – 869.93

CDU – 869.0(81) -94

"Criatividade é Inteligência divertindo-se."

Albert Einstein

Sumário

Apresentações **6**

Champanhe, Canadianas e Camarões **13**

Outono **17**

Os brinquedos **19**

O barbeiro de Angola **23**

Gaivotas, sardinhas **26**

Coleção **28**

Bacias na cama **31**

As oito meninas **33**

As laranjas **34**

A mulher e seu cão **37**

O homem **40**

Desculpe interromper o silencio da viagem **42**

Meu Carnaval **43**

Meu bairro (Um tempo atrás) **45**

Sorte, coincidência, providência I **48**

Passeio passo a passo **52**

Identidade secreta **55**

O pescador **57**

Sorte, coincidência, providência II **61**

O terço voador **65**

Sapatos **68**

Apresentações

Quando Romero nasceu, eu ia completar dois anos e não tinha ideia de que teria que dividir minha mãe com aquele bebê gordinho.

Quando eu nasci, já encontrei minha irmã mais velha Clara e Roberto, um ano mais velho que eu. Então, nesse contexto, vi meu pequeno pedacinho de mundo ficar ainda menor com a chegada de meu irmão caçula.

A minha mente infantil aprendeu logo o significado da palavra resiliência e, juntou-se ao “inimigo”, quer dizer, mais ou menos. Na realidade, eu me apaixonei completamente por aquele menino cheio

de imaginação. Romero e eu nos tornamos amigos inseparáveis! Se ele dormia, eu dormia, se ele tomava mingau, eu tomava mingau, se ele enfrentava monstros imaginários eu lutava ao seu lado e, por aí vai...

Pouca gente sabe, mas chegamos a desenvolver um certo grau de telepatia. Mas aí, a gente cresceu e cada um seguiu seu curso de vida. A poesia e um pouco depois, a crônica se tornaram formas importante de eu me expressar e, até onde eu sabia, não tinha companhia de ninguém da família. Depois veio Clara e seu belo livro de cartas e agora Romero também segue o caminho da palavra escrita.

Hoje eu me alegro em enxergar em Romero um cronista e memorialista de primeira. Ele tem a dose exata de sutileza, humor, nostalgia e leveza para traduzir o que vê, sente e, sobretudo, sabe se lembrar bem de tudo que viveu para nos contar, motivo de orgulho para nossa família e amigos. Este livro é uma promessa de muitas risadas, porque ele sempre teve o talento de fazer todo mundo rir, antes mesmo de ele começar a falar.

Parabéns irmão!

Nadia Virginia B. Carneiro

Quando Romero nasceu, faltavam seis meses para eu completar cinco anos.

Lembro muito bem da minha mãe com a barriga enorme, e com uma mala sempre pronta para quando a hora chegasse. Uma noite, a mala estava atrás da porta, e isso para mim era o sinal de que o momento estava próximo.

Lembro também de um cesto com sabonete, óleo Johnson, e as cores azuis nas roupinhas. Minha mãe afirmava que seria um menino, numa época em que o que valia era mesmo a intuição das mães. Quando ela chegou com ele nos braços, achei o meu irmão enorme. Um dia, ele deveria ter ainda meses, pedi a minha mãe para carregá-lo. Jamais esqueci que ela pediu que eu sentasse “tipo índio” no meio da cama, e só então ela gentilmente

pousou em meu colo. Ele era muito pesado, e eu não poderia mesmo carregá-lo.

Ele foi crescendo sorridente, correndo pela casa, com fraldas, e sempre contava comigo, Roberto e Nadia para protege-lo das quedas iminentes ainda na fase de aprender a andar.

Depois passou a ser o meu companheiro nas guerras de espadas. Ele sempre de capa, (era o Super Keno), na maioria das vezes uma fralda, ou uma toalha de rosto. Levava com a espada na cabeça, mas não revidava, afinal, pensava eu, ele tem que ganhar, não me parecia justo o combate. Depois vieram as quedas de braço, futebol de botão. Só me esquivava das brincadeiras que envolvesse bolas, incluindo as de gude. O tempo passou